



## A Banalização do Conteúdo Televisivo<sup>1</sup>

Franciele Cardoso Liscosky<sup>2</sup>

Eliane Aparecida Dutra<sup>3</sup>

### RESUMO

*Este artigo tem como propósito analisar os programas de entretenimento da televisão brasileira em uma perspectiva crítica sob aspectos da Campanha “Quem Financia a Baixaria é contra a Cidadania”. Objetiva-se com este artigo desenvolver uma visão crítica dos telespectadores no momento de selecionar o programa que irá assistir e o que este lhe fará refletir.*

Palavra-chave: Moralidade; Sexualidade; Televisão; Violência.

### INTRODUÇÃO

A televisão surgiu no Brasil em 1950, sendo o quarto país do mundo a implantar este meio de comunicação de massa. O responsável por esta fundação foi Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, proprietário dos Diários Associados e fundador da TV Tupi. A inauguração deste novo sistema aconteceu com a transmissão do programa “TV na Taba” que foi ao ar com uma hora de atraso devido à falha numa das câmeras.

A partir desta década a televisão passou a fazer parte da vida dos brasileiros, fazendo muito sucesso ao apresentar exemplos de vida, de ambientes e situações que funcionam como arquétipos, apresentando-nos um mundo novo e introduzindo uma linguagem diferenciada atraindo o receptor e o incorporando ao mundo dos personagens.

Um fato característico da programação televisiva é a massificação de seus conteúdos, através da industrialização da cultura, termo surgido no final do século XX e início do século XXI que traz uma crítica referente a cultura de massa que é transmitida deliberadamente pelos meios de comunicação.

Para Adorno (1977, p. 287), “a indústria cultural é a integração deliberada, a partir do

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Iniciacom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

<sup>2</sup> Aluna estudante do 5º semestre do Curso de Comunicação Social Hab. Em Rádio e TV da Universidade do Contestado – UnC, e-mail: fhrncardoso@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Msc. Professor do Curso Comunicação Social Hab. Em Rádio e TV – UnC, Publicidade Faculdade Vizinhança Vale do Iguaçu – FIZIVALE e-mail: elianeadutra@ig.com.br



alto, de seus consumidores”, ou seja, o produto é criado para suprir as demandas criadas pela própria sociedade, pois, julga-se a massa como não-pensante, sendo induzidos ao consumismo por questões psicológicas.

Nas questões psicológicas, pode-se citar o fato da televisão trabalhar com sistemas de comunicação diferentes. Um destes sistemas são os signos, que atuam no receptor e no produto de comunicação, filtrando os problemas, misérias e desgraças, inibindo-os da reflexão, têm-se também os clichês, os quais inserem o telespectador na trama, tornando-o parte integrante do contexto histórico do personagem.

Durante toda a trajetória televisiva, surgiram inúmeros programas com uma variedade de gêneros e classificações, porém, percebe-se que atualmente tem ocorrido uma redução da qualidade dos conteúdos transmitidos, tornando-se mais apelativos, tudo para se manter em primeiro lugar na guerra da audiência.

Deparamo-nos constantemente com cenas abusivas nos programas de televisão, acompanhamos a exploração das anormalidades humanas, a incitação à violência, os tratamentos preconceituosos a liberdade sexual, exposição de crianças e adolescentes, fatos descritos como impróprios para o conteúdo televisivo, sendo esta uma das mídias de maior influência no espectador.

Este conteúdo com situações incomum, continua a ser transmitidos pelo fato do ser humano possuir estereótipos de “normalidades” definidos em sua memória, que ao surgimento de uma condição que não se assemelha com o conhecido, incita a curiosidade dos telespectadores resultando em um acompanhamento do que está sendo transmitido e, conseqüentemente mais anormalidades na televisão.

Buscando diminuir os abusos que vem ocorrendo neste meio de comunicação, a Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados juntamente com entidades da sociedade civil lançaram em 2002, a Campanha, “Quem financia a Baixaria é contra a Cidadania”, uma campanha que visa a valorização dos direitos humanos na televisão.

Nesta perspectiva, decidiu-se analisar o conteúdo do programa Pânico na TV, exibido no domingo dia 03/02/2008, observando aspectos como o gênero do programa, a classificação e o horário transmitido.

## **A INCITAÇÃO A VIOLÊNCIA**

Nas sociedades modernas imperam as condições de produção que acumulam os espetáculos. A vida passa a ser retratada através de imagens comuns, a realidade representa um

mundo à parte, uma inversão da vida, onde o espetáculo é o movimento autônomo do não-vivo.

O espetáculo possui diferentes formas, pode estar sob a forma de informação, propaganda, publicidade ou consumo direto do entretenimento, constituindo um modelo da vida socialmente dominante. (DEBORD, 1997). Este se caracteriza por uma linguagem constituída por signos da produção reinante, que são ao mesmo tempo o princípio e a finalidade última da produção. Desta forma a realidade surge no espetáculo, e o espetáculo no real.

No entanto, o espetáculo não é identificável ao simples olhar, mesmo combinado com o ouvido. Ele é o que escapa à atividade dos homens, à reconsideração e à correção da sua obra. É o contrário do diálogo. Em toda a parte onde há representação independente, o espetáculo reconstitui-se. Este espetáculo sugere a alienação do espectador que vislumbra as criações como sendo a realidade, porém quanto mais aceita estas imagens, menos as diferencia da ficção.

Percebe-se então, a perda da qualidade, evidenciada em todos os níveis da linguagem espetacular, repudiando o real e criando uma falsa realidade que incorpora ao espectador, como a violência que na nossa sociedade não é mais tão assustadora, pois se passou a ver cenas como guerras, assaltos, assassinatos cotidianamente, seguidas de informações positivas, alienando o espectador que absorve tudo passivamente.

A violência passou a ter o caráter de ser algo normal, intrínseco nas cidades, um problema social decorrente de vários aspectos, porém, deve-se observar a influencia da mídia nesta banalização, no excesso de violência gratuita em seus programas. Pois o termo violência é possuidor de amplas variantes, podendo ser o ato de agredir a outrem fisicamente ou por meio de coação.

Segundo Moraes (1981, p. 25), a “violência está em tudo que é capaz de imprimir sofrimento ou destruição ao corpo do homem, bem como o que pode degradar ou causar transtornos à sua integridade psíquica. [...]”. Ainda para Moraes (1981) ao se violentar o homem, arranca de si sua dignidade física e mental.

Conforme Carlsson e Feilitzen (2000, p. 79), a definição de violência é “qualquer representação pública de uma ameaça crível de força física ou o uso real de tal força a fim de machucar fisicamente um ser ou grupo de seres”.

De acordo com a definição de violência pelo documento de Política – Ms, citado por Minayo no seminário de efetividade da promoção da saúde:

Violência se realiza por meio de ações ou omissões de pessoas, grupos, classes, nações que provocam a morte ou o sofrimento, a dominação, o

menosprezo, lesões, traumas físicos, psíquicos, emocionais, espirituais em seus semelhantes. A violência envolve intencionalidade.

Muitas são as causas da violência, sejam fatores econômicos ou sociais, porém deve-se ter em mente que a televisão como meio de comunicação de massa e de forte influência pode contribuir com a diminuição ou ampliação da violência.

De acordo com Eliane Aparecida Dutra em sua dissertação de Mestrado (2005) não se pode discutir o assunto da violência sem referência aos meios de comunicação de massa, uma vez que ambos estão intrinsecamente ligados. Esta ligação existe pela necessidade de criar impacto diante cenas fortes.

Para Michaud (1989) a mídia precisa de acontecimentos sensacionais, sendo a violência o principal alimento desta, com cenas de violências espetaculares, sangrentas e mesmo a violência comum, banal e instalada.

De acordo com os estudos de Michaud (1989) as imagens da violência contribuem para mostrar esta como algo normal e menos terrível do que realmente é, criando uma forma alienação da gravidade dos fatos. Porém a violência já faz parte da vida cotidiana das pessoas, seja a violência vermelha ou a violência branca. Para Moraes (1981, p. 78) estas expressões são:

Usam-se expressões como: “violência vermelha e violência branca”, “manipulação brutal e manipulação sutil”, ou simplesmente “brutalidade e opressão”, todas estas oposições significando a convivência entre nós de violências criminosas (puníveis) e violências institucionalizadas (aceitas até pela lei).

Em sua tese de mestrado Eliane A. Dutra (2005) define como violências vermelhas, as barbáries sangrentas e violências branca, o trabalho exploratório, como o emprego de linha-de-montagem que, nas grandes indústrias, transforma trabalhadores em prisioneiros de um campo de concentração habilmente disfarçado, os quais vendem o seu tempo por um salário mínimo.

Para Chauí (2004), nossos referenciais de espaço e tempo, constituintes de percepção são destruídos pelos meios de comunicação, as distâncias inexistentes, sem horizontes ou fronteiras, o tempo é somente o presente, sem passado e nem futuro.

De acordo com Chauí (2004, p. 12):

[...] a televisão se torna o lugar, um espaço ilocalizável que se põe a si mesmo num tempo imensurável, definido pelo fluxo das imagens. A televisão é o

mundo. Esse mundo nada mais é se não a sociedade-espetáculo, entretecida apenas no aparecimento e na presentificação incessante de imagens que a exibem ocultando-a de si mesma.

A imagem transmitida visa substituir o real, em prol de uma satisfação imediata ao telespectador, impedindo desta forma os processos psíquicos e sociais de simbolização, bloqueando o desejo de reflexão, de crítica e de diálogo. (CHAUÍ, 2004).

Segundo Carlsson e Feitzen (2000), as imagens que incitam a violência é um assunto com muitas controvérsias, visto a identificação de crimes violentes semelhantes ao que aparecem em filmes, notícias ou programas televisivos.

Ainda baseando-se nos estudos de Carlsson e Feitzen (apud Ana Home, 2000, p. 19): “A televisão é uma das influências mais educativas e formadoras. Ela pode estimular a criatividade, despertar a consciência e encorajar a participação”, porém, o que se observa é a violência como instrumento de entretenimento, pois brincar com o medo é o truque mais barato para o entretenimento.

De acordo com a lei nº 15218 de 07/07/2004 em seu artigo segundo, inciso II, III e IV dispõem sobre as formas de violência:

II - violência física a agressão ao corpo da vítima pelo uso da força do agressor, com ou sem o uso de instrumentos, ou por queimadura, corte, perfuração e uso de armas brancas ou de fogo, entre outras;

III - violência sexual a situação em que a vítima é obrigada pelo agressor a manter relação sexual ou a praticar ato sexual, ou é objeto de comércio para fins de exploração sexual;

IV - violência psicológica a situação em que a vítima sofre agressões verbais constantes, com coação e ato de constrangimento que impliquem situação vexatória, humilhante e desrespeitosa à intimidade e à vida privada.

De acordo com Oliven (1982, p. 17), “a violência se constitui em mecanismo de dominação por parte das classes dominantes, ela se transforma cada vez mais numa estratégia de sobrevivência por parte das classes dominantes”.

A televisão cresce como meio de comunicação de massa e as organizações de fora da mídia anseiam pelo despertar da consciência para o meio ambiente e para o desenvolvimento do direcionamento de mensagens a grupos específicos.

Pode-se verificar no programa Pânico na TV a simulação de espancamento à um homossexual. Este programa traz várias situações de discriminação a orientação sexual, principalmente o homossexualismo e trans-sexualismo, como o verificado no programa exibido no dia 03/02/2008, onde utilizou-se da sátira ao filme “Tropa de elite” para

demonstrar um posicionamento em relação a homossexualidade, transmitindo uma situação humorística de agressão ao personagem homossexual.

De fato a homossexualidade ainda é um assunto que gera polêmicas, Giddens (1993, p. 23-24) comenta sobre a homossexualidade:

A “emergência” da homossexualidade é um processo muito real, com conseqüências importantes para a vida sexual em geral. Foi assinalado pela popularização da autodenominação gay, um exemplo daquele processo reflexivo em que um fenômeno social pode ser apropriado e transformado através do compromisso coletivo. Gay, é claro, sugere colorido, abertura e legitimidade, um grito muito diferente da imagem da homossexualidade antes sustentado por muitos homossexuais praticantes, assim como pela maioria dos indivíduos heterossexuais.

Muitos municípios têm adotado leis que proíbem a discriminação por orientação sexual, pois de acordo com o artigo 5º da Constituição Federal de 1988, todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, e a qual garante a inviolabilidade do direito à vida, liberdade, à igualdade, segurança e à propriedade, assim como garante a inviolabilidade da intimidade, da vida privada, a honra e a imagem das pessoas. (BRASIL, 1988).

De acordo com a carta de princípios da campanha “Quem financia a Baixaria é contra a Cidadania”, encontra-se descrito que “a programação televisiva não incitará à violência contra quem quer que seja [...]”, porém pode-se verificar nesta exibição do programa, o conteúdo incitando a violência contra homossexuais, no caso de uma sátira ao filme “Tropa de Elite”, onde além de violar o direito da liberdade sexual, também incitou ao machismo e a intolerância a esta classe.

Giddens (1993, p. 44), afirma que:

Os homossexuais ainda enfrentam um preconceito profundamente enraizado e, muito comumente, uma violência aberta. Suas lutas emancipatórias encontram resistências talvez tão profundas quanto aquelas que continuam a obstruir o acesso das mulheres a igualdade social e econômica.

A violência na mídia apresenta influências indesejáveis conforme menciona Carlsson e Feitzen (2000, p. 53), tais como “imitação; conseguir ‘dicas’ e modelos de como a violência pode ser usada; agressão; medo; ansiedade e inquietação relativas a um ambiente ameaçador; concepções deturpadas da violência na sociedade; hábitos da violência na mídia”.

Os autores ainda afirmam que como conseqüência das situações violentas na mídia,



surge o sentimento de medo, juntamente com concepções errôneas sobre a violência real e a experiência com ambientes ameaçadores que em uma situação crítica pode se tornar algo destruidor.

Carlsson e Feilitzen (2000, apud Gunter 1985), relatam a característica da violência no humor como podendo aparente sendo a recompensa da violência. “Por essas razões, a presença de humor em uma cena violenta pode aumentar as chances de os espectadores virem a imitar ou aprender o comportamento agressivo de tal representação” (CARLSSON E FEILITZEN, 2000, p. 77). Desta forma a violência apresentada de forma humorística pode dessensibilizar os espectadores conforme afirmam Jablonski e Zillman (1995), aumentando o comportamento agressivo.

As influências da violência da televisão, alteram o comportamento de cada um dos telespectadores de formas diferentes, tal como menciona Carlsson e Feilitzen (2000, p. 77):

Ao assistir a cenas violentas na televisão, tanto crianças como adultos são influenciados pelas características de contexto anteriormente descritas. Ilustrando, a violência recompensada aumenta a probabilidade de aprender o comportamento agressivo, independentemente da idade do espectador, enquanto a violência punida diminui tal risco.

A mídia pode contribuir para uma cultura agressiva; as pessoas que já são agressivas utilizam a mídia como uma confirmação adicional de suas crenças e atitudes que, por sua vez, são reforçadas pelo conteúdo da mídia. (CARLSSON; GEITLITZEN, 2000, p. 235).

A violência na televisão pode ser medida através de três níveis, sendo o primeiro o incidente violento, logo se analisa a cena violenta e posteriormente a violência final do programa violento. Pois de acordo com os estudos de Carlsson e Feilitzen (2000), para cada cena violenta, existem inúmeros incidentes violentos e, a análise final, permite-nos diferenciar a forma como a violência é representada no programa.

Desta forma, o espetáculo da violência na telinha deve ser conduzido dando ênfase ao tema da antiviolença ou da punição dada aos atos violentos, demonstrando os problemas ao recorrer ao uso da violência e menos justificativas para as ações violentas. Será possível mudar a característica e a qualidade dos programas na TV?

## **A BANALIZAÇÃO DA SEXUALIDADE**

A moral é algo que é transmitida por gerações, porém, na modernidade esta vem se

modificando, surgiu um novo modelo de organização familiar, na qual a família era composta pelo pai, mãe e filhos, a típica família burguesa, todos com funções bem definidas, a mãe era responsável por cuidar da casa e educar os filhos, ao pai o sustento e a ambos dedicar-se e amar os filhos, porém denota-se que este modelo familiar parece estar em crise, pois cada um passou a ter apesar de uma vida em família uma vida própria, a mulher deixou de apenas a mãe exemplar, a responsável pela educação dos filhos e foi para o mercado de trabalho.

As transformações tecnológicas também têm gerado sérias mudanças no campo social e psicológico e os meios de comunicação ensinam uma nova forma de pensar e de agir, principalmente a televisão, um dos meios de comunicação mais usados no Brasil, modificando o que se considera moral.

O fato é que toda essa mudança na sociedade vem se refletindo cada vez mais na programação televisiva e conseqüentemente, novas ideologias são passadas, modificando os princípios da sociedade.

O programa inicia com uma advertência dizendo que possui uma linguagem depreciativa e conteúdo erótico, isto às 20:00 h da noite de domingo, com classificação para pessoas com mais de 12 anos. A erotização está expressa com na malícia das dançarinas do programa, as quais se encontram em situação de semi-nudez e, explicitando o abuso a sensualidade e sexualidade feminina.

Durante todo o programa se abusou ainda mais de conteúdo erótico com a polêmica em relação ao tapa-sexo utilizado no carnaval pela rainha de bateria da escola de samba São Clemente, pois o tapa sexo utilizado era de mínimos 4 cm e o apresentador Emílio Surita pedia para Sabrina Satto escolher se ela iria querer usar o menor tapa sexo ou um curativo do homem aranha. Incitando a pornografia em horário nobre.

Como se não bastasse a polêmica abordada, ainda teve o teste de calcinhas, o qual colocou as mulheres em uma situação humilhante e de risco, pois era notório o incômodo ao realizar este teste, pois a calcinha era presa um guincho pelos lados e levantada a alguns centímetros do solo, causando dor nas participantes. Ainda neste mesmo quadro o biólogo Marcos Chiesa, o Bola, jogava bolas de balão com água e dava palmadinhas no bumbum das moças, virando-os para a câmera. De acordo com a carta de princípios do Manual da Campanha “Quem financia a baixaria é contra a cidadania”, em seu item 14, incisos I à V diz que:

A programação televisiva no Brasil tratará da sexualidade evitando a reprodução de preconceitos e afirmando a liberdade sexual como um valor

moral. As emissoras desenvolverão cuidados especiais para que seus programas não permitam:

I – A valorização da exploração sexual, do incesto, do abuso sexual e/ou da pedofilia;

II – Cenas de sexo explícito, ou exposição detalhada dos órgãos sexuais;

III – Cenas que envolvam ou insinuem relações sexuais entre seres humanos e animais;

IV – Cenas ou falas que possam estimular – pelo contexto em que sejam apresentadas – o exercício de relações sexuais mediante o uso de violência ou submissão pela força;

V – Cenas ou falas que possam estimular – pelo contexto em que seja apresentadas – a precipitação da sexualidade infantil. (FANTAZZI, 2004, p. 22)

Porém, além do apelo sexual, viu-se o preconceito contra as pessoas que não condizem com o estereótipo de mulher com corpo perfeito criado pela sociedade, pois quando uma mulher com alguns quilinhos a mais foi realizar o tal do teste, simularam que o guincho não estava suportando com o peso desta e que estava com certa dificuldade em erguê-la do chão. Fato condenável pela Carta de princípios do Manual da Campanha “Quem financia a baixaria é contra a cidadania” em seu item 15 que traz “A programação televisiva brasileira deverá evitar a reprodução de estereótipos”. [...]. (FANTAZZI, 2004, p. 22).

Em se tratando de sexualidade, pode-se dizer que é algo nato ao ser humano conforme Bueno *et al* (1995), que define a sexualidade como sendo um processo complexo e intrínseco, que busca a diferenciação entre os gêneros masculino e feminino, sendo a totalização do ser humano. De forma geral Bueno *et al* (1995), define como um aspecto de soma geral das características de ser homem ou mulher. Porém, a televisão vem trazendo cada vez mais a exploração deste campo e vulgarizando a sensualidade e abusando da sexualidade, transformando-a em erotização.

Segundo Giddens (1993, p. 21), diz que “os homens declaram que desejam igualdade”, porém o que se vê na televisão é principalmente a exploração sexual da mulher, a qual se apresenta semi-nua, um indicio de um aumento nos números do ibope, porém a sexualidade masculina tem sido vista com outros olhos pelos programas de TV que iniciam sua exploração.

Marcuse (1972), afirma que a sexualidade na cultura moderna transformou o sexo em mercadoria, sendo o principal objeto de preocupação. Isto porque a sexualidade leva o indivíduo à promessa do prazer e, conseqüentemente proporciona um incentivo para a comercialização. Desta forma, as imagens sexuais passaram a ser um empreendimento comercial garantindo ao produto o sucesso.

Giddens (1993), afirma que a sexualidade é um ponto de conexão entre outros dois

processos: o seqüestro da experiência e a transformação da intimidade, pois foi separado a sexualidade da reprodução e a socialização da reprodução como modos de condutas tradicionais, àquele por sua vez, separa os indivíduos de alguns dos principais pontos de referência moral, através dos quais as culturas pré-modernas ordenava a vida social.

Desta forma, Giddens (1993, p. 221), conclui que a sexualidade como mercadoria conforme dizia Marcuse “[...] a sexualidade não é a antítese de uma civilização dedicada ao crescimento econômico e ao controle técnico, mas a incorporação do seu fracasso”.

A questão do sensual e do sexual tem haver com a moral e a moralidade das pessoas, que por sua vez depende de sua cultura e que Vásquez (1999), define como moral um conjunto de normas e regras que regulam a relações dos indivíduos na sociedade. Vásquez (1999, p. 37), afirma ainda que a moral é um fato histórico, o qual é justificado:

[...] porque é um modo de comportar-se de um ser – o homem – que por natureza é histórico, isto é, um ser cuja característica é a de estar-se fazendo ou se autoproduzindo constantemente tanto no plano de sua existência material, prática, como no de sua vida, espiritual, incluída nesta a moral.

A moral só pode surgir quando o homem deixa seu estado de natureza e passa a ser um ser social, obedecendo a regras e normas instituídas para um convívio harmônico, tal como afirma Vasquez (1999, p. 253): “a moral desempenha a função social de garantir o comportamento dos indivíduos de uma comunidade numa determinada direção, toda norma corresponde a interesses e necessidades sociais”.

Para a nossa sociedade o abuso da erotização na televisão é algo imoral, pois são atitudes que não são consideradas atos reais em que se concretizam, pois todo ser que faz parte de uma comunidade possui suas obrigações morais que, conforme Vásquez (1999, p. 182): consistem “necessariamente minha liberdade de escolha, mas supõe, ao mesmo tempo, uma limitação de minha liberdade”.

Vasquez (1999) designa os termos moral e moralidade, diferenciando ambos, pois para o autor este se refere ao conjunto de relações efetivas ou atos concretos que adquirem um significado moral, enquanto àquele é um conjunto de princípios e normas. Sendo a moralidade um conjunto das relações concretas entre a comunidade e o indivíduo.

A moral possui uma função social que é regular as relações entre os homens, garantindo uma ordem social.

Quando se trata de moral, deve-se atentar ao fato que o “ato moral é a consciência do fim visado”, desta forma quanto o programa exhibe a incitação a erotização, este não está

contribuindo com um caráter social, baseado nos princípios da moralidade, pois traz uma inversão dos valores morais da sociedade.

Além da incitação a violência, o apelo a sexualidade, traz intrínseco a condição de que as mulheres do programa são desprovidas de inteligência, através de uma linguagem figurada como “você é burra, cala boca sua burra”, humilhando assim a condição de ser humano.

De acordo com o Dicionário Aurélio (2006), humilhação “é ação pela qual alguém humilha ou é humilhado; afronta: receber uma humilhação. Abatimento, submissão”.

O sentimento de humilhação pode causar no indivíduo que sofre a humilhação um enclausuramento em si mesmo, assim como a alienação, podendo ameaçar sua integridade física e psicológica.

Afinal, ainda somos um país que preserva o pudor, temos princípios e estes princípios devem ser respeitados, ao contrário do que está acontecendo na televisão Brasileira. Principalmente no horário nobre da telinha, onde vale tudo na guerra da audiência.

## **CONCLUSÃO**

O espetáculo nos traz seus instrumentos atuantes no consumo de imagens e, as imagens de consumo nos trazem a perda da linguagem da comunicação, a decomposição da arte e o aniquilamento da qualidade.

As mídias, principalmente a televisão, definem os temas que norteiam a sociedade e todo o seu processo cultural ou anticultural, sendo um meio de comunicação com forte poder de persuasão que, para Moraes (1981, p. 59), a técnica de persuasão consiste em: “o invasor invade, inferioriza com ‘doçura’ o invadido e este acaba ainda confusamente grato ao invasor”, agindo através de imagens, as quais confirmam o que as palavras dizem, criando uma realidade alienada dos fatos e, o telespectador que por sua vez não reflete sobre o que está vendo, apenas os absorve passivamente.

Esta invasão dos meios de comunicação de massa é como diz Debord (1997), pois o espetáculo unifica o fenômeno das aparências, porém, a crítica que alcança a verdade em relação ao espetáculo descobre a negação visível à vida.

Assiste-se ao espetáculo do abuso de cenas violentas, da sexualidade, de preconceitos e erotização, os quais corrompem, principalmente, jovens e crianças em formação de suas personalidades, conforme afirmam Carlsson e Feilitzen (2000, p. 87), “crianças muito novas são menos capazes de distinguir a fantasia da realidade na televisão”. Isto faz com vivenciam a cena e acreditem nela como fato verdadeiro.

No entanto, o espetáculo deve continuar o pão e o circo, e assim será até o momento em que cada cidadão estiver consciente da sua alienação decorrente dos programas televisivos que impõe suas ideologias e nos impede da reflexão do seu conteúdo. Por isto, cabe a cada cidadão refletir sobre a programação, pois de uma forma sucinta, conforme Marques (2002) se está havendo espetáculo no picadeiro televisivo, isto é decorrente do público que o está aplaudindo.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Indústria Cultural. In: In: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo, Nacional, 1977.

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. São Paulo: Saraiva, 2006.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 15218 de 07/07/2004**. Cria a notificação compulsória de violência contra a mulher e a comissão de monitoramento da violência contra a mulher. Minas Gerais.

BUENO, S. M. V. et al. **Educação para promoção da saúde sexual/DST-AIDS**. Ribeirão Preto: Villimpress, 1995.

CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília von. (org). **A criança e a violência na mídia**. 2 ed. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2000.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. 5 ed. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**: Comentários sobre a sociedade do espetáculo, Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

DUTRA, Eliane Aparecida. **Cidade de Deus: a banalização da violência como discurso**. Tese de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

FANTAZZINI, Orlando (coord). **Quem financia a baixaria é contra a cidadania: uma campanha pela valorização dos direitos humanos na TV**. Brasília: 2004.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. 3 reimpressão. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1993.

**Humilhação**. In Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 3 ed. São Paulo: Editora Positivo, 2006.

JABLONSKI, C. M.; ZILLMANN, D. Humor's role in the trivialization of violence. **Medienpsychologie Zeitschrift für Individuum und Massenkommunikation**. 1995.

MARCUSE, Herbert. **Eros e Civilização**. São Paulo: Zahar, 1972.



MARQUES, Carlos, A. Mídia e deficiência: a violência estampada nas páginas dos jornais. In Lumina – Juiz de Fora – FACOM/UFJF, vol. 4, n. 2. jan/jun. 2002. Disponível em <http://www.facom.ufjf.br/lumina/R8-Carlos%20Alberto%20HP.pdf>

MICHAUD, Y. **A violência**. Trad. Garcia. São Paulo: Editora Ática, 1989. (Coleção Princípios e Fundamentos).

MINAYO, Maria C. de S. Política Nacional de Prevenção de Acidentes e Violência. In II **Seminário de Efetividade da promoção à saúde**. 2006. Disponível em: [www.dpi.uem.br/vi-semanapsi/pdf/](http://www.dpi.uem.br/vi-semanapsi/pdf/). Acesso 05/03/2008.

MORAIS, Regis de. **O que é violência urbana**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

OLIVEN, Ruben George. **Violência e cultura no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1982.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánches. **Ética**. 19 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1999.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.